

Capitão América: o ufanismo procede nos dias atuais?¹

Captain America: does the patriotism proceed nowadays?

Alexandre Parreira

Graduado / Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: alexandre.parreira@gmail.com

Allyson Mendes Rosa

Graduado / Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: allyson_ejc@hotmail.com

Jéssica Nayra Sayão de Paula

Graduada / Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: jessicanayra@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre a adaptação cinematográfica atual das histórias em quadrinho do herói Capitão América, apontando algumas das tensões que se estabelecem no processo de construção do personagem ao longo dos dias atuais, levando em consideração o seu discurso, a sua imagem criada entre a produção da adaptação e como ele é recebido por outros países. É necessário ter em conta que a análise se foca nos cartazes cinematográficos criados para a divulgação do filme em vários países, a fim de abordarmos a perspectiva da análise do discurso para se investigar a ideologia propagada pelo personagem.

Palavras-chave: Discurso. Adaptação. Ideologia.

Abstract: This article proposes on reflection about an actual cinematographic adaptation of the Captain America's comic books, aiming for some of the tensions which provide in the process of construction of character nowadays, having his speech, his image between an adaptation and how is his reception in other countries. It's necessary pay close attention to the analysis and the focus in the cinematographic posters created for publicity in some many countries, in order to approach the perspective of discourse analysis to investigate the ideology transmitted by the character.

Keywords: Speech. Adaptation. Ideology.

1 Introdução

Dentre os possíveis caminhos da análise do discurso, tem-se o discurso da imagem que busca analisar a disseminação de ideologias em diversas mídias veiculadas a filmes, a revistas, a publicidades entre outros exemplos.

¹ Trabalho apresentado na disciplina "O Discurso da Imagem", sob orientação da Prof^a Dr^a Emília Mendes Lopes, professora adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: emilia.mendes@ymail.com

Nesse sentido, o presente trabalho faz uma análise a respeito das imagens veiculadas nos cartazes do filme “Capitão América: O primeiro vingador” (2011). Sabemos que há uma evolução dos gêneros populares e sua “transposição” para os meios de comunicação de massa. Então, conforme Steinberg, ao afirmar que os gêneros se desenvolvem numa dimensão essencialmente sincrônica dentro da esfera da discursividade social da qual se originam, temos a figura do Capitão América que reflete o ícone do ufanismo norte americano e que vem sendo trabalhado desde os anos 1940, época da segunda guerra mundial. E, em tal figura, houve uma grande evolução no mercado comercial e cinematográfico americano.

Portanto, o nosso objeto de estudo neste artigo são os diferentes cartazes do filme, lançados em sua estreia e para sua divulgação. Esses cartazes são analisados, a fim de sabermos o quão a ideologia propagada pelo personagem ainda permanece com as mesmas concepções.

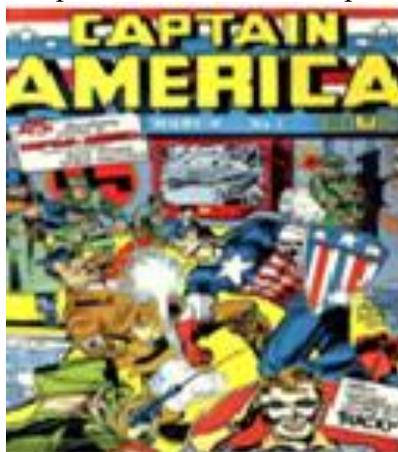
2 Capitão América: a construção do herói ao longo das décadas: a propagandização de um ideal norte americano

O Capitão América (Captain America) foi criado por Joe Simon e Jack Kirby, em 1940, e a primeira aparição do personagem ocorreu na revista *Captain America Comics* #1, da Timely Comics. A revista conta a história de um rapaz franzino e com problemas de saúde, Steve Rogers, que deseja de qualquer forma participar dos esforços estadunidenses para vencer a Segunda Guerra Mundial. Ao ter seu alistamento recusado por sua saúde debilitada, ele deixa claro estar disposto a fazer qualquer coisa para ajudar na guerra. Esse “qualquer coisa” é algo literal, fazendo com que ele se torne parte de um experimento para a criação de soldados superiores em tudo: o “projeto supersoldado”, que consistia em um soro especial, e a radiação de raios, gerando um crescimento físico geral, tornando um ser debilitado como Steve Rogers em um superatleta musculoso, forte, veloz e ágil. Contudo, como na equipe do projeto havia um agente duplo a serviço de Hitler, o cientista que criou o “soro do supersoldado” é morto por esse agente. Como não havia registro escrito da fórmula, essa se perdeu junto com a vida do cientista e Steve Rogers acaba se tornando o único daquilo que deveria ser um exército de supersoldados.

A grande questão do personagem não está centrada nos seus atributos físicos gerados pelo soro experimental ou na ausência de seus poderes e sua forma de combate, mas na construção de seu caráter e de sua moral, que o fazem ter notoriedade no meio social, tendo, ao mesmo tempo, uma grande popularidade entre os americanos, assim como havia e ainda há uma rejeição dele por parte externa aos EUA. Tal rejeição deve-se, muitas vezes, à forte carga ideológica existente por meio dos quadrinhos, na construção da figura do personagem e sua veiculação em diversas mídias, sendo elas desenhos animados, propagandas e filmes. Com isso, há uma forte ideologia presente na composição do personagem e, principalmente, no seu alter ego, pois ele não apenas salva o mundo, como qualquer outro herói dos quadrinhos, ele é veículo de ideias de uma nação que quer se estabelecer no cenário mundial. Utilizando as concepções de Fiorin (2002, p. 29), “não há conhecimento neutro, pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade.”. Logo, pode-se dizer

que a ideologia que o personagem carrega consigo consiste na visão de mundo que todos estão inseridos, a ponto de sua influência ser forte a fim de governar os pensamentos políticos de uma nação, por meio de sua “figura bandeirizada”, buscando uma propagandização do lema “América para americanos”.

Figura 1: Capa da revista #1 do Capitão América



Fonte: http://marvel.wikia.com/Captain_America

A capa da revista #1 do Capitão América – também sua primeira aparição – é emblemática: nada menos do que o super-herói socando Hitler. Além disso, existem na capa, diversos detalhes que compõem um visual declaradamente hostil aos nazistas. É importante pensar, também, no impacto visual que essa capa trouxe a quem a leu em 1941 e a quem lê agora. Confeccionada com o intuito de fortificar o sentimento patriota e nacionalista nos soldados e cidadãos estadunidenses, ela tenta demonstrar algo como a Alemanha nazista, e conta com uma grande bandeira do partido ao fundo, e diversas outras suásticas espalhadas pela cena.

O herói, que passou a ter a alcunha de “sentinela da liberdade”, tem reunido em si as qualidades de uma pessoa cujo modelo é algo a ser seguido pelos cidadãos, tais como ser corajoso, honesto, inteligente e ter poder de liderança. Todas essas qualidades demonstram um espelhamento das virtudes defendidas e idealizadas pelos cidadãos norte-americanos. Por isso, é importante ressaltar que o Capitão América foi criado em uma época muito distinta a dos dias atuais, num contexto geopolítico de guerra mundial, num clima ufanista, romantizado, cuja pretensão era de se criar um sentimento de nação, de pertencimento à pátria, a ponto de defendê-la e de impor seus costumes a outras nações. O herói representava os ideais de liberdade e igualdade para serem associados aos Estados Unidos da América.

Dentro dessa perspectiva ufanista, temos uma forte influência das cores no uniforme do personagem Steve Rogers. Desde a sua primeira aparição nos HQ's, como ater-ego Capitão América, o personagem apresenta em seu uniforme de combate as cores vermelho, azul e branco. Tais cores representam a figura da bandeira norte-americana que sintetiza essa nação por meio de um herói com poder de liderança e ideologias marcadas. Para Luciano Guimarães (2004, p. 86), a cor, mesmo como parte da sintaxe visual, assumirá, no seu papel de informação cultural, a função de texto,

neste sentido, carregado de simbolismo. Com isso, ao analisarmos a questão das cores presentes no uniforme do Capitão América, percebemos que não podemos analisá-las separadamente, uma vez que, para compor o herói, o conhecimento deste simbolismo, dentro da cultura norte-americana, das cores componentes da bandeira, são de suma importância para decifrarmos as ideologias por trás de cada cor usada.

Novamente, em Guimarães (2004, p. 86), o autor ressalta que ao buscarmos a compreensão dessa esfera cultural da cor, “deparamo-nos com a necessidade de separar a atuação da cor como informação cultural das outras manifestações como a psicológica, a fisiológica, a física, entre outras”. A cor, então, possui um valor relevante dentro da cultura, indo além do aspecto meramente figurativo e representativo, dando uma carga de poder a esse personagem, o qual literalmente se veste de acordo com as cores simbolizadas na cultura norte-americana.

[...] é possível obter-se uma significação precisa para determinada cor. Entretanto, é possível obter-se uma significação precisa para determinada cor em determinado texto cultural. Para conseguir tal invariante, a aplicação da informação cromática deverá estar combinada com outros elementos sógnicos além da própria cor, que possam, no texto cultural apresentado, indicar a leitura correta. (GUIMARÃES, 2004, p. 97)

Logo, pode-se dizer que as cores que aparecem no traje do herói americano não foram meramente dispostas de maneira fortuita, mas para um propósito ideológico e cultural, remetendo a questões de suma importância dentro do contexto no qual o personagem foi criado.

Dentro dessa perspectiva, a “mediatividade”, a qual é reproduzida por Soulages em “A Formatação do Olhar” (2002), resulta nessa capacidade de apropriar-se ativamente das antigas formas de expressão transpondo-as, mas também em uma aptidão para inventar novas formas. Essa base expressiva repousa sobre um certo número de traços estruturais ligados, por um lado, à dimensão sociológica da mídia e, por outro lado, ao seu componente plástico formal. Dessa forma, a maior parte das imagens que está ligada à fisionomia do personagem não pode, de forma alguma, ser observada como se fosse ícone isolado. Elas são duplamente dependentes, pois não podemos dissociar a composição do Steve Rogers como o herói de uma nação aos trajes e objetos utilizados que remetem diretamente às concepções morais dos norte-americanos.

Assim sendo, é de suma importância analisar as cores em seus significados, adequando-as em seu significado dentro da cultura e da identidade que o personagem assumiu. Tais cores como o azul, o vermelho e o branco adotam não apenas características plásticas, mas também são uma forma de expressar o posicionamento social que atravessa o campo cultural para o campo político e ideológico. Então, faz-se necessário situarmos separadamente as cores principais que estão em voga no uniforme do personagem. Com isso, podemos dizer que cada uma possui um significado específico, que juntas compõem uma ação discursiva identitária, sem se restringir apenas a questões imagéticas.

Seguindo essa perspectiva, construímos as primeiras impressões dos pôsteres orientados pela visão do diretor Joe Joshnton e dos produtores da Marvel, no qual afirmam que o “Capitão América possui um tom futurista meio retro”. Logo, eles tentaram situar o filme no período da segunda guerra mundial, e era algo em que a Marvel estava de acordo com o diretor. Dessa forma, os produtores desejaram contar a história original do personagem, - quem é, de onde ele veio nos anos 1940. Primeiramente, o diretor buscou focar na origem do herói, para, depois disso, ele poder entrar para *Os Vingadores* (outro filme que foi veiculado) ou dar espaço às sequências para *Capitão América*. Entretanto, o diretor Joe Joshnton buscou apenas construir, de maneira adaptada aos dias atuais, a origem de Steve Rogers antes de se tornar o herói bandeirizado.

Para ser considerada uma imagem de caráter “vintage”, conforme desejado pelo diretor, percebe-se que há a presença de cores em tons pastéis com a finalidade de se adequar à época em que o personagem foi criado. Com isso, proporcionou uma boa ambientação do herói na década de 1940, estabelecendo um limite entre o passado e o presente para reconstruir a figura de sentinela nos dias atuais, cujo contexto político é adverso ao da época de sua criação.



Comparando as imagens lado a lado, o pôster é uma reprodução da capa da revista em quadrinhos, em que o Capitão América aparece golpeando o personagem histórico Adolf Hitler da mesma forma como foi produzida na imagem cinematográfica, remetendo a um recurso de intericonicidade (relação entre imagens) ao recorrer à obra original. Segundo Courtine (2010, p. 40),

a questão da intericonicidade pressupõe o estabelecimento entre imagens: imagens exteriores ao sujeito (no sentido arqueológico, imagens existentes na sociedade) e imagens internas ao sujeito (que leva em conta todo um catálogo memorial de imagens do indivíduo, incluindo sonhos, imagens vistas, ressurgidas ou que povoam nosso imaginário).

No caso dos pôsteres do filme atual do Capitão América, podemos dizer que a intericonicidade se relaciona às imagens exteriores, pelo fato de que no pôster analisado há uma clara referência, e à capa da HQ, mesmo que ele seja vinculado nos dias atuais. A reprodução fiel do pôster demonstra o objetivo de se recorrer à obra original para trazer à adaptação à época atual. Embora a imagem reproduzida no banner seja semelhante a da HQ, percebe-se que há determinadas divergências, as quais merecem ser ressaltadas.

Na imagem original, os componentes da imagem são militares nazistas, desconhecidos, entretanto, no pôster do filme, temos os personagens importantes da história, inclusive o antagonista. É importante ressaltar que há a presença de Steve Rogers entre os personagens, juntamente com seu alter ego, o que demonstra que o verdadeiro foco do filme está associado à composição do Capitão América enquanto um personagem, um herói, amenizando o caráter ufanista, bélico e imperialista da imagem original da HQ.

Percebe-se que a imagem reproduzida no cartaz consiste em representações ideológicas, cujos significados são oriundos de uma clara defesa da hegemonia econômica dos Estados Unidos. O herói golpeando a figura do Hitler não é apenas sinônimo de repulsa aos seus crimes nazistas, como o genocídio dos judeus, mas uma forma de proteger a ameaça nazista ao domínio econômico e territorial da potência americana. O personagem, Capitão América, situa-se centralizado e em primeiro plano na figura, mostrando seu protagonismo no contexto de segunda guerra mundial, em que seu poder bélico está associado à proteção de seu país.

Além desses aspectos comentados, um fator importante a ser ressaltado é o fato de a cor vermelha estar presente no cartaz, desempenhando um papel de destaque não só como algo estético, para colorir a imagem, mas também para representar o “poder de fogo”, de resistência e de relevância dos ideais patrióticos semeados por meio da alusão entre a figura do herói contida em seus trajes, e a bandeira dos EUA. Vale apontar, também, as diferentes tonalidades da cor vermelha presentes no cartaz americano, pois se tem a cor vermelha associada ao Capitão América e à nação estadunidense, assim como se tem a cor vermelha com tonalidade mais escura, a fim de representar o antagonista da história. A tonalidade mais escura da cor presente no vilão Hydra nos remete à ideia de perigo, de violência e de agressividade. Portanto, pode-se dizer que, embora haja duas tonalidades de cores vermelhas, elas são contrastantes em seus significados para representar o maniqueísmo presente na figura entre vilão e mocinho.

Nota-se, também, que houve uma modificação significativa no uniforme e nas cores presentes nele, tais como a tonalidade do azul e do vermelho, a qual se torna menos reluzente, mais enfraquecida em relação ao uniforme da HQ. Além disso, as luvas e as botas do herói, nas HQs, eram de cor vermelha, as quais, no filme, modificaram-se para a cor marrom com a finalidade de amenizar o ufanismo presente no personagem e em suas roupas. O escudo, símbolo desse personagem, aparece no pôster de lançamento do filme como um objeto relevante, embora não esteja centralizado, mostrando que não desempenha um destaque maior do que o Capitão América. Entretanto, o fato de o herói estar portando o seu objeto característico, tem todo um fator ideológico, mesmo que ele não seja o foco central da imagem, o qual demonstra uma forma de defesa, algo que coloca em prática o lema de seu país que “ataca para se defender”. Podemos dar um enfoque final no que compõe o traje do herói, o capuz de sua roupa, o qual tem como detalhe as asas, fazendo uma alusão ao Mercúrio – Deus da Guerra – o qual guiava as almas dos heróis. Tais símbolos podem ser conjugados aos ideais defendidos pelo Capitão como a justiça e a liberdade.

Passemos, agora, à análise do cartaz de divulgação do filme Capitão América na França, mostrado na figura 3.

Figura 3: Cartaz do filme O Capitão América na França



Fonte: <http://www.filmofilia.com/french-captain-america-poster-50171/>

Um ponto forte nessa imagem está relacionado à escrita e à forma como foi apresentado o personagem. Na parte superior da imagem, contém a seguinte informação: “Après Iron Man et Thor, Le Nouveau film des Studios Marvel” (Depois de Homem de Ferro e Thor, O novo filme dos estúdio Marvel – tradução nossa), a qual demonstra que o filme “Capitão América: O primeiro vingador”, além de seu caráter ideológico, possui significativamente um aspecto de um produto mercadológico associado a outros de uma mesma empresa, o qual tem ligação com outros filmes de super heróis da mesma produtora. Isso demonstra que esse filme é uma forma de preparar o público para o filme dos Vingadores que foi lançado posteriormente. Assim, percebemos que houve mais do que uma preocupação ideológica, uma preocupação de Marketing, e não da propagandização do herói enquanto um cidadão norte-americano. Conforme foi afirmado pelo diretor do filme, Joe Joshnton, o filme assim como os pôsteres relacionados a ele possui um caráter que, ao mesmo tempo, pode ser qualificado como retrô, pode ser qualificado como futurista. Logo, o caráter futurista encontra-se mais evidente no cartaz francês, diferente do americano, evidenciado pelo título e o subtítulo do filme em cor prateada, o que também pode ser uma estratégia para amenizar o ufanismo das plateias estrangeiras.

Em uma entrevista feita pelo site Omelete, o intérprete do Steve Rogers / Capitão América, Chris Evans, expressa sua opinião a respeito da recepção externa do filme, uma vez que acredita que a adaptação tornou o herói mais universal, com uma história que pode ser adequada a outros contextos, perdendo um pouco de seu caráter patriótico e restrito à realidade norte-americana.

**Entrevista com Chris Evans – intérprete de Steve Rogers / Capitão América:
Érico Borgo, 27 de Julho de 2011.**

Eu gostei do filme ter uma aparência meio retrô. E deve ter sido bem difícil apresentar o Capitão América às plateias estrangeiras.

Chris Evans: *Sim. Espero que o filme não se classifique como um filme “americanizado”. É onde o filme acontece. O filme é moldado pela cultura americana, o personagem é criado nos Estados Unidos, mas eu não acho que o tema exalte o modo de*

*vida americano, é sobre um cara que é um bom homem, e que faz as coisas certas, pois é a coisa certa a se fazer. Acho que isso é uma noção universal.*²

Dessa forma, percebe-se que o foco do filme em si não está centrado no herói enquanto semeador de ideais norte-americanos e nem busca ser o propagandizador de um discurso patriótico. Na verdade, trata-se de um herói como outros que possuem suas ideologias, suas concepções para fazer a diferença no mundo em que vive por meio de ações solidárias, engajadas, sem precisar se respaldar em ideais românticos sobre a sua pátria. De fato, percebemos que há o discurso de um herói de guerra que está fortemente influenciado pelo intuito de proteger sua nação por meio da justiça, mas ele pode ser qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo. Embora a história do Capitão América esteja atrelada a retratar fenômenos do cotidiano do seu tempo, tais como a segunda guerra mundial, a busca pela hegemonia estadunidense no mundo, o imperialismo, percebe-se que determinados preceitos não se enquadram nos dias atuais.

Continuando a questão referente aos enunciados presentes no cartaz do filme, podemos analisar a seguinte frase: “Certains Naissent Héros. D’autres Le deviennent. (alguns nascem heróis, outros se tornam)”. A frase sintetiza, de certo modo, o enredo do filme, pois Steve Rogers, antes de ser o ícone, não tem o porte físico desejado para ser alguém que luta por sua pátria e a protege em épocas de guerra. Ao se submeter à fórmula do supersoldado, ele desenvolve suas capacidades para alcançar os objetivos de ser uma figura heroica, útil à nação.

O apelo desse cartaz em relação ao americano tem como foco desmistificar a figura do Capitão América, apagando o enfoque dele como um herói dos EUA, dando-lhe uma condição de herói universal, principalmente pelo fato de ele estar sem o capuz, que é um de seus símbolos. A cor predominante que aparece no uniforme do Capitão é a cor azul, em detrimento das cores vermelha e branca, algo que confere o apagamento dele como um herói bandeirizado, sem, em sua totalidade, apenas ter pretensões ideológicas. Como a cor azul simboliza a justiça, a sua predominância no uniforme do protagonista remete-nos a associá-lo como um ícone justiceiro. No pano de fundo que constitui o pôster, tem-se a predominância da cor laranjada – junção das cores amarela e vermelha – simbolizando as chamas de um campo de batalha.

O fogo, ao mesmo tempo em que pode representar a vida, porque consome, aquece e ilumina, também pode causar dor e morte, sendo assim, em algumas culturas, simbolicamente ambivalente. Nesse contexto, o fogo se associa à destruição, uma vez que a história se ambienta em um período de guerra, de lutas e de combates entre nações. E, por isso, nesse cartaz ele serve como recurso metonímico, pois o fogo está iluminando, exaltando e mostra o poder devastador que o herói pode ter ao defender uma causa. Evidencia o contexto de guerra, não só pelo fogo, mas pela ação e posicionamento dos personagens, os quais estão portando armas e em posição de ataque, demonstrando uma defesa a um inimigo de uma nação divergente.

² Fonte: <http://omelete.uol.com.br/capitao-america-o-primeiro-vingador/cinema/capitao-america-o-primeiro-vingador-omelete-entrevista-chris-evans/>

Figura 4: Cartaz do filme Capitão América na Ásia



Fonte: <http://www.cinematoday.jp/movie/T0010237>

É importante ressaltarmos que esse cartaz foi veiculado na Ásia, especificamente no Japão, um país que mantém, atualmente, boas relações diplomáticas e econômicas com os Estados Unidos. Com isso, percebe-se, ao contemplar o pôster, que o país asiático não subverte o discurso e a imagem presentes nele. O ponto principal a ser analisado nesse cartaz é o enquadramento do personagem de acordo com o plano americano em que é focalizada a imagem da cabeça ao tronco do intérprete do personagem. Diferentemente dos cartazes americanos e franceses, neste o protagonista encontra-se olhando para um ponto fixo, com um olhar forte e desafiador - um olhar heroico, de bravura. Vale ressaltar que o escudo ocupa um destaque, de modo que esse tampa uma parte do corpo de Steve Rogers, como se estivesse protegendo-o de um possível ataque. Além disso, tem-se como pano de fundo a bandeira dos EUA, embora ela não esteja em evidência e por possuir cores mais claras do que realmente apresenta, percebe-se que ela está em movimento, como se estivesse hasteada e sob influência do vento, estando num momento de auge. Nessa imagem, notamos que a construção da figura do herói se dá de forma épica, devido ao seu posicionamento de defesa, como uma figura imponente e indestrutível.

Sobre a questão da escrita, é notável que o Japão a manteve em moldes futuristas, o que pode ser evidenciado pela cor prata. Mesmo a escrita estando de acordo com a grafia de seu país, no caso o alfabeto Katakana, usado para nomes estrangeiros, e os Kanjis como escrita tradicional para se adequar a sua cultura, pois ele mantém as informações referentes ao filme como elenco, entre outras, na escrita romanizada.

Nesta parte, temos o uso do alfabeto Katakana, que é usado para escrever palavras de origem estrangeira, cuja grafia e som são adequados aos moldes da escrita e da fala japonesa, mantendo a integridade do sentido do estrangeirismo que fora traduzido para a língua. Por meio de nossas traduções e de alguns conhecimentos na língua, podemos ressaltar o fato de o título do filme, mesmo com grafia diferente, fora mantido, sem quaisquer alterações, em virtude de questões ideológicas e políticas. Podemos comprovar o que dissemos ao traduzirmos o katakana: キャプテンアメリカ como Kyaputen'amerika (Captain America – Capitão América) o qual teve como base

as palavras de origem inglesa, assim como o seu subtítulo ザ。ファースト。アベソジ
 ヤ como Da fusuto abenjya (The first Avenger).

Na escrita de modo vertical, podemos dizer, antes de analisarmos o que foi escrito, que no cartaz original da América do Norte com a mesma imagem, tais dizeres não aparecem, o que nos leva a concluir que isso foi um acréscimo dos produtores japoneses ao divulgar o filme do herói no Japão. A frase está escrita misturando-se os três alfabetos da língua japonesa, o hiragana (alfabeto utilizado para sinalizar palavras de origem japonesa), o katakana (alfabeto utilizado para simbolizar os estrangeirismos) e os Kanjis (pictogramas ou ideogramas que representam uma palavra inteira ou são o radical de uma palavra). A frase escrita pode ser lida como Naze kare wa sekai juyo no hiro to ko dare taka?(なぜ彼は世界重要機ヒーローと呼ばれたのか。) cuja tradução poderia ser “Porque ele é chamado de primeiro herói do mundo?” (tradução nossa), tendo destaque em vermelho as palavras “primeiro do mundo” (世界重要機) representado pelos Kanjis e a palavra “herói” (ヒーロー) representada pelo katakana. A frase no cartaz japonês é significativa não apenas por ser um traço distintivo do pôster norte-americano, mas por ela dar margem a duas interpretações possíveis para a sua compreensão dentro do contexto, pensando-se também na imagem do herói disseminada não só ao longo dos anos, mas em países de culturas distintas, como os asiáticos.

Com base nessa discussão, podemos ver que o texto inserido na imagem do Capitão América pode se associar a uma forma dos asiáticos expressarem sua visão sobre um herói americano. A partir disso, a construção feita por eles pode ser vista por duas visões: a primeira é o fato da frase, no caso, ser um questionamento à imagem que se tem do Herói. Ou seja, uma vez que o Japão saiu derrotado da segunda guerra mundial ao ser atacado pelos Estados Unidos por duas bombas nucleares, fica então a pergunta: Para o Japão, o Capitão América é realmente herói ou o vilão da história? Qual imagem é mais representativa: os Estados Unidos como o Grande Vitorioso ou o Japão humilhado e derrotado? É uma forma de indagação a respeito da reputação do herói bandeirizado nos dias atuais, se o seu reconhecimento e sua importância em seu país e no mundo se mantêm ao longo dos anos.

Outra interpretação possível é o fato de que, além da frase como um todo, tem-se uma demarcação de palavras e expressões significativas para se criar uma reflexão do que exatamente essa frase quer transmitir ao público asiático, seria uma frase com caráter irônico? Ou o texto criado seria uma forma de apontar desconstrução de um herói que foi o signo do nacionalismo de uma potência mundial, em que tem deixado de ser o centro do mundo? A inserção desse texto causa uma curiosidade, fazendo-nos pensar principalmente no destaque dado às palavras, as quais não têm quaisquer significados no contexto atual, pois podemos refletir que a demarcação feita é uma forma de fazer o público refletir sobre as concepções do Capitão América / Steve Rogers, um personagem altamente polêmico no cenário mundial carregado de ideologias e simbolismos.



Tais demarcações são formas de incitar uma discussão a respeito de que sua relação com o mundo se modificou, uma vez que, na atualidade, o seu ufanismo não se encaixa como no contexto em que o personagem fora criado, fazendo com que a adaptação busque modificar um pouco sua história a fim de que novas gerações possam vê-lo com outros olhos, não como um herói dos EUA, mas um herói mais universal, que possui ideais e luta por um mundo mais justo em prol das pessoas e não especificamente de um país.

Figura 5: O Capitão América na Coréia do Sul



Fonte: <http://junkyard.egloos.com/3837113>

Nessa figura, percebe-se algumas diferenças em relação às outras analisadas, dentre elas encontra-se o título. Embora o título esteja de acordo com os moldes futuristas, contemplados pelo diretor e os produtores do filme ao usar a cor prata, houve, de certo modo, uma subversão ao título original proposto pela Marvel que seria “Capitão América: O primeiro vingador”, sendo o filme veiculado apenas com o nome de “O primeiro vingador”. Sabe-se que os estúdios Marvel e Paramount, responsáveis por sua produção, deram a opção aos mercados estrangeiros de usarem os nomes “Capitão América - O Primeiro Vingador” ou somente “O Primeiro Vingador”. O título usado na Coréia do Sul pressupõe que, por motivos culturais e políticos, o país preferiu ocultar o nome do herói.

Tal afirmativa pode ser confirmada segundo informações publicadas no jornal britânico online “The Guardian” veiculadas em 6 de julho do ano de 2011, antes da estreia do filme no dia 22 de julho do mesmo ano:

Capitão América muda seu nome na oferta diplomática para a dominação global - Rússia, Coréia do Sul e Ucrânia aceitaram Capitão América: O Primeiro Vingador de forma a excluir a primeira parte controversa do título do filme. Nos EUA, “Capitão América: O primeiro vingador” será conhecido exatamente com este nome. Mas a Paramount e a Marvel, consciente da reação complexa tal título poderia provocar no exterior, ofereceu aos territórios estrangeiros a escolha de dois títulos para o filme: Capitão América: O Primeiro Vingador, ou apenas The First Avenger (O primeiro Vingador).

Apenas três países optaram para o primeiro, com apenas Rússia, Ucrânia e Coreia do Sul fazendo o cálculo de que a identificação da marca associada com Capitão América era mais provável de ser pouco atrativo do que um ponto de venda.³

Esse ocultamento no título demonstra que, desde a sua criação, o herói vem causando uma polêmica devido ao seu excessivo patriotismo e por ser uma figura assumidamente inserida nos ideais imperialistas dos Estados Unidos, além de que há uma restrição da entrada da cultura americana no país asiático. Como existe uma acirrada disputa entre a Coreia do Norte comunista e a Coreia do Sul capitalista, sendo que esta última recebe apoio inclusive financeiro dos Estados Unidos, pode haver uma ideia entre a sociedade coreana de que os Estados Unidos são os grandes imperialistas financeiros de seu país.

Embora a Coreia do Sul possua boas relações com os EUA, é perceptível que, assim como em outros países, ela não tem uma boa aceitação do herói norte-americano, o qual criou uma grande resistência a sua figura no mundo, independente se as relações externas são ou não amistosas entre os países citados. Assim, o Capitão América não é visto somente como um super-herói criado para entretenimento, mas como um herói que é um dos veículos usados para propagandizar o discurso norte-americano pelo mundo.

Outra característica interessante que destoa nesse cartaz do americano, do francês e do japonês é o fato de a escrita estar em primeiro plano ao invés da imagem do herói, enquanto nos outros cartazes mantém-se a figura do Capitão América em destaque. Com isso, é notável que possa haver um certo apagamento a respeito da figura do Capitão das forças armadas americanas, a qual ainda possui uma carga negativa e impositiva no que se refere à visão desse país.

Os tons das cores em relação à roupa do personagem principal tal como o seu escudo e a disposição da cor de fundo que compõe a imagem do cartaz há a predominância do cinza, cuja cor é comumente usada para expressar morbidez e falta de vigor. Na figura, há a presença de um tempo nublado juntamente com estilhaços, destroços, como se fosse o resultado de uma guerra. O tom cinza, em algumas culturas, é a expressão de neutralidade, símbolo da indecisão e da ausência de energia. Quanto mais sombrio, mais expressa desânimo e monotonia.

Então, percebemos que a forma como o herói foi retratado se expressa por um aspecto pós-guerra, em que mesmo a potência norte-americana saindo como vencedora, há a obscuridade resultante das perdas, das vidas sacrificadas nas lutas. A fisionomia do herói que nas outras figuras transmite a ideia de vencedor, imponente, nesta é rompida pelo caráter obscuro no qual o herói se encontra como se apresentasse uma fisionomia de frieza e distância devido ao término da batalha.

³ Fonte: <http://www.guardian.co.uk/film/2011/jul/06/captain-america-first-avenger-changes-name>

4 Conclusão

Conclui-se que, apesar da contemporização dos diversos cartazes ter levado a um abrandamento das cores, deixando essas de estarem tão vivas como na capa dos quadrinhos da década de 1940, o caráter ideológico ainda prevalece. Por meio da análise do discurso das imagens é possível identificar construções ideológicas presentes em todos eles em maior ou menor grau que engendram essas ideologias um caráter ufanista norte-americano nas diversas mídias em que foram veiculadas.

Partindo do princípio de que todo discurso é uma prática social, ou seja, é uma construção social e não individual, e de que só pode ser analisado considerando seu contexto social, suas condições de produção, afirma-se, então, que o discurso presente nesses cartazes reflete a visão de mundo determinada pelos norte-americanos, pois o discurso é necessariamente vinculado aos seus autores e à sociedade em que vivem.

Analisando as cores azul, branca e vermelha presentes nos cartazes, percebemos valores ideológicos ufanistas que refletem a condição de superioridade norte-americana e a disseminação de sua cultura ao redor do mundo como sendo vitoriosa e libertadora, uma vez que foram apresentados cartazes veiculados em diversos países, inclusive em países que já apresentaram no passado um certo conflito, tal como a Ásia e a Europa.

Podemos dizer que o ufanismo do personagem e de sua história tem sido abrandado em virtude do novo contexto geopolítico do século XXI, o qual não mantém mais esse tipo de foco, como no século passado. Além disso, percebe-se que, atualmente, a construção dos heróis nas adaptações cinematográficas e em outras mídias está mais associada a um caráter universal enquanto a construção de um ser humano, do que necessariamente a forte disseminação ideológica.

Contudo, afirma-se que, mesmo tendo o nacionalismo de sua composição e de sua história abrandados, devemos ressaltar que, diferentemente dos outros heróis, a adaptação do Capitão América é mais delicada, uma vez que se tirá-lo totalmente de seu contexto, para adequarmos aos moldes das concepções da sociedade atual, estariam retirando um pouco de sua essência.

Referências

COURTINE, J.-J. Discurso, história e arqueologia. (Entrevista). In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. (Ed.). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios)

GUIMARAES, L. Tesouros do arco-da-velha. In: *Cor, Significado e cultura*. A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural das cores. São Paulo: Annablume, 2004, p.85-133.

MARVEL. *Enciclopédia Marvel*. Vol. 1. São Paulo: Panini, 2005.

SOULAGES, Jean-Claude. A Formatação do olhar. In: Machado, Ida Lúcia *et. al.* (org.). *Ensaio em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD POSLIN/FALE, 2002, p.267-281.